

LA CHAMBRE DES ENFANTS / O QUARTO DAS CRIANÇAS



Jana Melo Araujo¹
(Graduanda em Letras – Tradução – Francês – UnB)
jana.meloaraujo@gmail.com

1. Autor, obra e tradução

Louis-René des Forêts foi um escritor francês nascido em Paris em 1918 e morto na mesma cidade, em 2000. Ele estudou Direito e Ciência Política e foi engajado nas questões políticas de sua época. Empenhou-se na Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial e depois, na Liberação. Também atuou ativamente no movimento contra a Guerra da Argélia, fundando o Comité contra a guerra da Argélia (1954) junto com Dionys Mascolo, Edgar Morin e Robert Antelme e assinando o Manifesto dos 121 em 1960, manifesto que contestava a política da França em relação à Argélia e alertava a opinião pública sobre a violência cometida pelas tropas francesas na colônia africana, que foi assinado por vários outros intelectuais franceses de esquerda, como Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre e Nathalie Sarraute.

Sua obra é restrita e pouco conhecida pelo grande público francês, porém amplamente aclamado pela crítica por sua escrita rebuscada e intimista, concentrada nas experiências humanas, na vida interior. Foi bastante influenciado por escritores contemporâneos como James Joyce e Maurice Blanchot, o que traz uma das características da sua obra: o diálogo de seus textos com os de outros autores inseridos no mesmo contexto literário, como os já mencionados Joyce e Blanchot, por exemplo. Ele também fundou e editou a revista de poesia e arte *L'éphémère*, junto com Yves Bonnefoy, André du Bouchet, Paul Celan, Jacques Dupin, Michel Leiris e Gaëtan Picon de 1967 a 1972.

Suas principais criações são *Le Bavard* (1946), *La chambre des enfants* (1960) e *Ostinato* (1997). Recebeu diversos prêmios, como o *Prix des Critiques* (1960), o *Grand Prix nationale des Lettres* (1991), o *Grand Prix de Littérature de la SGDL* pelo conjunto de sua obra (1997) e o *Prix de l'écrit intime*, por sua autobiografia *Ostinato* (1997).

219

Algumas de suas obras foram traduzidas para o inglês, sendo elas *The Beggars* (*Les Mendiants*), *The Children's room* (*La chambre des enfants*, que inclui a tradução de *Le Bavard*), *Poems of Samuel Wood* (*Poèmes de Samuel Wood*) e *Ostinato*. Nenhuma de suas obras foi traduzida para o português, mas a necessidade de trazer um autor como Louis-René des Forêts para o mercado literário brasileiro é latente, dado o interesse renovado do público brasileiro por autores de escrita intimista, como Clarice Lispector, por exemplo.

La chambre des enfants é um livro composto por quatro contos independentes, mas que se ligam pela temática. Os contos são « Les grands moments d'un chanteur », « La chambre des enfants », « Une mémoire démentielle » e « Dans un miroir ». Originalmente eram cinco contos, entretanto des Forêts decidiu suprimir o quinto conto (*Un malade en forêt*) por achar que ele fugia da temática dos outros textos, sendo lançado posteriormente como um livro independente. Encontramos nessa obra temas correntes em toda a sua obra, como a nostalgia da infância, grandes conflitos internos dos personagens, jogo ambíguo entre a mentira e a verdade, o certo e o errado.

220

O conto *La chambre des enfants*, que inclusive intitula o livro, foi o primeiro conto a ser escrito. Conta um episódio em que o narrador escuta à porta seus sobrinhos brincando dentro do quarto. No entanto, uma das crianças, Georges, que é fictícia, se recusa a falar e as outras crianças tomam por missão fazê-lo falar, primeiro humilhando-o e depois se humilhando frente a ele, criando um jogo em que, no final elas acabam se calando também, gerando uma pequena inversão de papéis na história. O interessante dessa observação do tio em relação aos sobrinhos é que é a possibilidade de penetrar no mundo infantil e intimista das crianças através do olhar do adulto.

O estilo de escrita é Louis-René des Forêts é, à primeira vista, um pouco complexo e rebuscado, mas numa segunda leitura do conto, é possível perceber o humor ingênuo e até um pouco infantil presente no texto. Outro ponto interessante é como ele une a oralidade (principalmente das crianças) a um vocabulário e estruturas bastante eruditas, mas possíveis de serem usadas na realidade por crianças, por vezes copiando a maneira de falar dos adultos.

Meu objetivo nesta tradução foi respeitar ao máximo o projeto de escritura de des Forêts, tentando manter a oralidade e as estruturas eruditas das crianças, mas transpondo esses aspectos para o universo brasileiro. No entanto, essa transposição não pretende o apagamento do original francês, a total domesticação da obra. O que desejo aqui é recriar o texto em português de modo que nossa língua suporte todo esse universo infantil criado por Louis-René des Forêts. Não há tradução de nenhuma obra de des Forêts publicada no Brasil.

Além disso, desejo também apresentar uma tradução inédita do conto, visto que Louis-René des Forêts nunca foi traduzido no Brasil.

2. *La chambre des enfants/ O quarto das crianças*

Rien ne saurait donner une idée de la stupéfaction, de la honte qu'il éprouve à se tenir planté indiscretement derrière la porte entrouverte de la chambre des enfants. Il sent bien qu'il serait plus raisonnable de regagner la sienne, mais il s'étonne de ne pouvoir refaire à rebours par une décision de sa volonté, les quelques pas qu'il a faits tantôt par pure distraction, sinon dans une demi-somnolence ; il s'étonne surtout de ce malaise qu'il juge hors de proportion avec sa cause, car enfin, s'il est vrai que jamais avant ce jour il ne s'était hasardé jusqu'à la porte de la chambre des enfants ni probablement aucun des enfants jusqu'à la sienne, quel scrupule moral, quelle convention domestique le lui auraient interdit ? Et maintenant qu'il se trouve comme fortuitement derrière cette porte, c'est pour s'étonner que ce trouble indéfinissable qui ne relève en rien d'un sentiment de transgresser une loi, de violer un secret, de se livrer à un activité équivoque le maintienne impérieusement à son poste au lieu de l'en arracher ; il sait donc qu'il ne le quitterait à aucun prix, il sait donc qu'il ne le quittera pas, justifiant subtilement sa décision par la nécessité de comprendre à l'expérience pourquoi il aurait dû le faire et pourquoi il ne l'a pas pu.

221

Nada poderia dar a ideia da estupefação, da vergonha que ele prova por ficar plantado indiscretamente atrás da porta entreaberta do quarto das crianças. Ele bem sente que seria mais razoável voltar ao seu quarto, mas se espantou por não conseguir voltar novamente para trás, por uma decisão de sua vontade, os poucos passos que ele deu, às vezes, por pura distração, senão em uma meia-sonolência; ele se surpreende, sobretudo, com o mal estar que julga fora de proporção com sua causa, pois enfim, se for verdade que nunca antes deste dia ele se aventurara até a porta do quarto das crianças nem provavelmente nenhuma das crianças até o seu, que escrúpulo moral, que convenção doméstica lhe proibiria? E agora que se encontra fortuitamente atrás dessa porta, ele se surpreende que essa perturbação indefinível não dependa de um sentimento de quebrar uma lei, de violar um segredo, de se entregar a uma atividade equívoca que o mantenha imperiosamente em seu posto em vez de se arrancar de lá; ele sabe que não o abandonaria a preço algum, ele sabe que não o abandonará, justificando sutilmente sua decisão pela necessidade de compreender a experiência porque ele teve que fazê-lo e porque não pôde.

Il sait – car il lui semble tout savoir – que cet argument est de mauvaise foi. En somme, il croit tout savoir et ne rien pouvoir, c’est de sa lucidité et de son impuissance qu’il tire son plaisir le plus aigu comme le sentiment d’ailleurs mal fondé de sa culpabilité. A l’appui de sa décision, il pourrait à bon droit invoquer l’irresponsabilité comme la non-préméditation. Il ne s’est pas trouvé dans le cas de débattre, même très hâtivement, s’il devait ou non écouter à la porte ; ce sont les voix enfantines qui l’ont assailli à l’improviste, il ne lui a donc pas été permis de s’éloigner à temps puisque dès ce moment c’était trop tard, comme, au premier regard de convoitise, le péché est consommé. Mais enfin cet autre argument suffirait-il à le convaincre de l’inanité de ses scrupules que ceux-ci n’en seraient pas dissipés ou le seraient-ils qu’autant vaudrait renoncer sur-le-champ à faire le guet derrière la porte de la chambre des enfants, puisque c’est précisément pour éclairer la nature de ces scrupules qu’il porte un intérêt aussi exagéré à ce bavardage d’écoliers en congé.

222

Ele sabe – pois parece saber de tudo – que esse argumento é de má fé. Em suma, ele acredita tudo saber e nada poder, é de sua lucidez e de sua impotência que ele tira seu prazer mais agudo, como, aliás, o infundado sentimento de culpa. Justificando sua decisão, ele poderia devidamente invocar a irresponsabilidade como a não premeditação. O caso não estava em discussão, mesmo muito apressadamente, se devia ou não escutar à porta; as vozes infantis o assaltaram sem aviso, não lhe foi permitido distanciar-se a tempo já que, a partir desse momento, era tarde demais como, no primeiro olhar de desejo, o pecado está consumado. Mas finalmente, este outro argumento seria suficiente para convencê-lo da inanidade de seus escrúpulos, que não se dissipariam, ou seriam eles que tanto queriam renunciar na hora de fazer vigília atrás da porta do quarto das crianças, já que é precisamente para clarear a natureza de seus escrúpulos que ele tem um interesse tão exagerado nessa tagarelice de alunos de férias.

« Pas maintenant, non ! Nous allons rester tranquilles ! »

Insignifiante et pourtant capitale, la première phrase qui ait frappé son oreille a éveillé en lui une mystérieuse curiosité, elle l’a détourné de regagner sa chambre.

« Rester tranquilles, oh là là ! Alors on va parler ?

- Rien ne t’y oblige, on te serait même reconnaissant de te taire. Prends exemple sur Georges ! »

Il reconnaît bien la voix de Paul, son neveu, mais qui donc est ce Georges ?

« On pourrait s’amuser à faire parler Georges ?

- Bonne idée ! Voyons, Georges, pourquoi es-tu devenu muet ?

- Il n’est pas muet, il refuse de parler.

- Eh bien ! Georges, pourquoi refuses-tu de parler ?

- Il ne parlera pas. Il ne parle qu’en classe. Je vous dis qu’il ne répondra pas.

- Je serais curieuse d’entendre la voix de Georges depuis qu’il ne s’en sert plus.

- Paul, qui est dans la classe, pourrait nous la décrire.

- Vous savez bien qu’on prend toujours la même voix pour réciter sa leçon.

- Paul a raison. Réciter une leçon, ce n’est pas parler. Pourquoi ne veux-tu pas parler, Georges, répond !

- Georges, on te parle, réponds donc !

- Je vous dis qu’il ne répondra pas.

- Si on le mettait à la torture, ne finirait-il pas par répondre ?

- Par pleurer, oui ! Mais alors autant le chatouiller pour le faire rire. Laissons-le plutôt tranquille.

223

“Não, agora não! Vamos ficar quietos!”

Insignificante e no entanto fundamental, a primeira frase que atingiu seus ouvidos despertou nele uma misteriosa curiosidade, ela o desviou do caminho de volta ao seu quarto.

“Ficar quietos, ah não! Então, vamos falar?”

- Nada te obriga, a gente agradeceria se você calasse a boca. Siga o exemplo do Georges!”

Ele reconhece bem a voz de Paul, seu sobrinho, mas quem é esse Georges?

“A gente podia se divertir fazendo o Georges falar?”

- Boa ideia! Olha, Georges, por que você ficou mudo?

- Ele não é mudo, ele se recusa a falar.

- Então, Georges, por que você se recusa a falar?

- Ele não vai falar. Só fala na aula. Estou dizendo para vocês que ele não vai responder.

- Estou curiosa para ouvir a voz do Georges já que há muito tempo ele não a usa.

- Paul, que é da sala dele, poderia descrevê-la para nós.

- Você bem sabe que a gente usa sempre a mesma voz para recitar a lição.

- Paul tem razão. Recitar uma lição não é falar. Por que você não quer falar, Georges, responde!

- Georges, a gente está falando contigo, então responde!

- Eu disse para vocês que ele não responderia.

- Se a gente o torturasse, ele não acabaria falando?

- Chorando, né! Mas então melhor fazer cócegas para ele rir. Vamos deixa-lo quieto.

XXXXXX

224 *Jeannette ? Mais il ne reconnaît pas sa voix et quant à celle de Paul, elle répond aux propos tenus par lui avec la voix d'un autre. Paul jouerait-il donc à tenir tour à tour le rôle de chacun des interlocuteurs supposés, mais alors dans quel but tient-il celui des autres avec sa propre voix et le sien avec celle d'un autre ? Au contraire, les enfants seraient-ils plusieurs à occuper la chambre que ce Georges inconnu, dont le mutisme fait l'objet de leurs commentaires, pourrait bien être le seul personnage fictif auquel, pour la commodité du jeu, on a retiré la parole tout en feignant par une habile supercherie de l'exhorter à la reprendre, comme si son mutisme était le fait d'un caprice et non d'une nécessité de mise en scène. Or, de tous les enfants enfermés dans la chambre, c'est encore ce Georges dont la présence lui semble la moins contestable, car il bénéficie du prestige de son mutisme quand les autres, en s'empruntant mutuellement leurs voix, paraissent se confondre en une seule et même personne, toujours versatile, toujours indéterminée. Voilà qui suffit donc à rendre peu plausible l'hypothèse d'un double simulacre.*

Jeannette? Mas ele não reconhece sua voz, e quanto à de Paul, responde aos seus comentários com a voz de outro. Logo, Paul brincaria de ficar alternadamente com o papel de cada um dos supostos interlocutores, mas então com que objetivo ele faz o dos outros com sua própria voz e o seu com a de outro? Pelo contrário, seriam numerosas as crianças ocupando o quarto que esse Georges desconhecido, cujo mutismo é objeto de seus comentários, poderia bem ser o único personagem fictício de quem, para a comodidade do jogo, retirou-se a palavra, fingindo por um hábil embuste, animá-lo a tomá-la de volta, como se seu mutismo fosse resultado de um capricho e não de uma necessidade de encenação. Ora, de todas as crianças trancadas no quarto, era ainda a presença desse Georges que lhe parecia a menos contestável, pois ele se beneficia do prestígio de seu mutismo quando os outros, ao se

emprestar mutuamente suas vozes, parecem se confundir em uma única e mesma pessoa, sempre versátil, sempre indeterminada. Isso, então, é suficiente para tornar pouco plausível a hipótese de um duplo simulacro.

XXXXXX

- *Si tu réussissais à le faire parler par distraction, nous n'aurons pas à t'en féliciter, car il n'aurait pas parlé du tout, et ensuite il ne s'en surveillerait que davantage, sans compter qu'il ne nous pardonnerait pas de l'avoir pris par la ruse. Il faut jouer dans les règles, Jeannette.*

- *Quelles règles ? Et de quel jeu parles-tu ?*

- *Paul ! Paul ! Je crois que c'est bien le moment de nous parler du règlement de ton collègue. Cette jeune personne et moi-même désirons nous instruire, fût-ce en nous ennuyant. »*

« Fusse, fusse, fusse ! » et tous les enfants, à part celui ou celle qui a parlé en dernier et vraisemblablement de Georges, de persifler le garçon ou la fille qui, avec la voix pédante de Paul, a exprimé le souhait de se faire instruire par Paul, et tous ensuite d'éclater de rire. A ce chœur de rire se succède un silence si prolongé qu'il se demande un instant si les enfants ne seraient pas passés à son insu dans la pièce voisine, réservée aux réceptions, mais la chambre, il le sait, ne s'ouvre que sur le seul couloir où il se tient aux aguets. En tendant l'oreille, il lui semble qu'on se livre derrière la porte à un remue-ménage aussi actif, aussi menu que celui de souris, c'est comme un précautionneux déplacement de meubles, ponctué d'ordres très brefs et toujours proférés à mi-voix : « Ici ! Non, là ! Donne ! Vite ! », etc. Si on s'interpelle, si on marche, c'est avec la plus grande discrétion, comme le feraient, entre deux tableaux, des machinistes derrière un rideau de fortune. La voix de Paul retentit alors dans la chambre, si ferme, si sévère, si pleine de componction que, le timbre en serait moins aigu, on jurerait celle d'une grande personne. Chaque mot est articulé avec soin, comme par qui entend se faire obéir et ne le répétera pas deux fois. C'est le langage de l'autorité dans la bouche d'un enfant. Amplifiée par la majesté du ton, la voix de Paul paraît tomber de très haut, comme d'une montagne ou d'un balcon, et il est bien possible que, pour mieux dominer son auditoire, Paul ait inventé de se jucher pour la circonstance sur un échafaudage de meubles hâtivement dressés, sur ses instructions, par les autres enfants.

225

- Se você conseguir fazê-lo falar por distração, não vamos te cumprimentar, pois ele não terá falado de jeito nenhum, e depois, ele se vigiará mais, sem considerar que ele não contaria com a nossa astúcia. É preciso jogar conforme as regras, Jeannette.

- Que regras? E de qual jogo você fala?

- Paul! Paul! Acho que é o momento de falarmos do regulamento da sua escola. “Esta jovencinha e eu mesmo desejamos nos instruir, embora fosse entediante.”

“Foice, foice, foice!” e todas as crianças, menos aquele ou aquela que falou por último e provavelmente de Georges, zombam o menino ou menina que, com a voz pedante de Paul, exprimiu o desejo de se fazer instruir por Paul, e todos em seguida desataram a rir. A esse coro de risadas se sucede um silêncio tão prolongado que ele se perguntou por um instante se as crianças não tinham passado sem querer para a sala vizinha, reservada às recepções, mas o quarto, ele sabia, só se abre para aquele único corredor onde ele se mantinha vigilante. Esticando o ouvido, lhe parece que se desenvolve atrás da porta um rebuliço tão ativo, tão miúdo como o dos ratinhos, é como se um cauteloso deslocamento de móveis, pontuado por ordens muito breves e sempre proferidas a meia voz: “Aqui! Não, lá! Dá! Rápido!”, etc. Se chamar, se andar, é com a maior discrição, como o fariam, entre dois atos, os contrarregas atrás de uma cortina improvisada. Então a voz de Paul ressoava por todo o quarto, tão firme, tão severa, tão cheia de pesar que, o timbre fosse menos agudo, juraríamos ser de gente grande. Cada palavra é articulada com cuidado, como para fazer quem ouve obedecer e ele não repetirá duas vezes. É a linguagem da autoridade na boca de uma criança. Amplificada pelo majestoso tom, a voz de Paul parece cair de muito alto, é bem possível que, para melhor dominar sua audiência, Paul tenha inventado de se empoleirar, pela circunstância, sobre um andaime de móveis apressadamente erguido, sob suas instruções, pelas outras crianças.

XXXXXX

3. Comentários

Como foi dito anteriormente, minha tradução tentou respeitar a escrita de Louis- René des Forêts, seu estilo intimista, as falas das crianças, infantis, porém rebuscadas, e até mesmo o fluxo de consciência do personagem do tio que escuta as crianças atrás da porta, fluxo este exposto pelo narrador, dado que o tio não tem falas no texto. Segundo Walter Benjamin, “A tradução tende a expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si” (2008, p. 69), e

foi isso que tentei mostrar em minha tradução: por mais distantes que as línguas possam parecer, a tradução pode aproximá-las e mostrar que elas se relacionam intimamente.

Um problema que surgiu durante a tradução foi justamente como dosar o rebuscamento das falas das crianças. Às vezes eu queria rebuscar mais que o necessário, pois existem estruturas em francês no texto que me pareciam muito formais, mas são comuns no universo francês, e também no universo infantil, principalmente de crianças que convivem muito com adultos, como em “*Je serais curieuse d’entendre la voix de Georges depuis qu’il ne s’en sert plus.*”. A tradução ficou “Estou curiosa para ouvir a voz do Georges já que há muito tempo ele não a usa”. Em francês, há o uso do condicional presente em “*Je serais...*”, modo verbal que não funciona nessa estrutura em português, que foi traduzido para o presente do indicativo.

Em outra passagem do texto, essa linguagem muito formal traz até uma certa confusão para as crianças, e me trouxe também um problema de tradução. Em “*Cette jeune personne et moi-même désirons nous instruire, fût-ce en nous ennuyant.*” “*Fusse, fusse, fusse!*”. Aqui há um jogo com o som dos verbos “*fût-ce*” e “*fusse*”, terceira e primeira pessoas respectivamente, cujas pronúncias são idênticas, ambos verbos no *subjonctif imparfait*, que causam um efeito cômico no texto. É possível observar que esse rebuscamento linguístico das crianças é proposital, e chega-se ao ponto de elas mesmas não saberem exatamente o que estão falando. Na tradução, tentei reproduzir o mesmo “erro” e o mesmo jogo de sons, “Esta jovenzinha e eu mesmo desejamos nos instruir, embora fosse entediante.” “Foice, foice, foice!”. Em português, a primeira e a terceira pessoas do pretérito imperfeito do subjuntivo, que seriam nossos equivalentes diretos, são idênticas, o que quebraria o efeito cômico do texto. Então, tentei encontrar uma palavra com a sonoridade próxima ao verbo “fosse”, mas que também configurasse num “erro” de compreensão das crianças. Minha melhor opção foi o substantivo “foice”, que mantém mais ou menos a mesma sonoridade do verbo e a comicidade da passagem.

Há também a questão de uma certa redundância do autor em algumas passagens, geralmente nas falas do narrador, para evidenciar algum conflito do tio em relação à situação. Podemos ver isso em “[...] *mais il s’étonne de ne pouvoir refaire à rebours par une décision de sa volonté, les quelques pas qu’il a faits tantôt par pure distraction, sinon dans une demi-somnolence ;*”. O “*refaire à rebours*” configura redundância, pois traz uma ideia de “refazer para trás” os passos que o tio deu até a porta do quarto do sobrinho. Na tradução, resolvi o problema como “[...] mas se espantou por não conseguir voltar novamente para trás, por uma

decisão de sua vontade, os poucos passos que ele deu, às vezes, por pura distração, senão em uma meia-sonolência;”.

Finalmente, traduzir uma obra tão complexa quanto a de Louis-René des Forêts não é tarefa simples. É preciso considerar vários aspectos da obra e da escrita do autor, que por vezes é de difícil compreensão até mesmo para o leitor francês (des Forêts foi ignorado pelo grande público francês pela complexidade de sua escrita e pela dificuldade da leitura de seus textos à época da publicação de sua obra). Meu objetivo aqui, além de questionar e mostrar minhas estratégias de tradução desse texto, é também divulgar o trabalho de Louis-René des Forêts, grande autor francês, no entanto pouco conhecido tanto na França quanto fora dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORÊTS, Louis-René des. **La chambre des enfants**. Paris : Gallimard, 1960.

BRANCO, Lúcia Castello (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Cadernos Viva Voz, Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, 101 p. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/atarefadotradutor-site.pdf> (acesso em 01/11)

228

RECEBIDO EM 21/12/2014

ACEITO EM 12/01/2015

¹ Lattes Jana Melo Araujo. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7788247964831039>. Acesso: jan. 2015.